



Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Centro de Educação- CEDU  
Maceió - Alagoas - Brasil

## **O ERRO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM:**

O PAPEL DO EDUCADOR FRENTE AO ERRO DO EDUCANDO.

**Lívia Kaylanne Macário dos Santos** (UFAL)  
E-mail: liviamacario02@gmail.com

**Maxsuel Henrique da Silva Santos** (UFAL)  
E-mail: maxsuel1646@gmail.com

**Ana Carolina Faria Coutinho Gléria** - Orientadora (UFAL)  
E-mail: carolina@cedu.ufal.br

O presente estudo tem o propósito de promover uma reflexão sobre a construção da aprendizagem a partir do “erro”, durante o processo de ensino, de modo que o mesmo possa ser visto como parte integrante do processo de construção do conhecimento dos estudantes. Sabe-se que o ato de avaliar está presente em todo e qualquer processo de ensino aprendizagem. Com isso, é por meio do erro do aluno, que o educador vai identificar o que o aluno já sabe e o que pode vir a saber sobre o conteúdo em estudo e reconstruir o conhecimento a partir dele, colaborando para ajudar o educando a alcançar o que almeja por meio da avaliação da aprendizagem. O estudo tem como enfoque a concepção do erro e aborda também a relação entre desenvolvimento e aprendizagem.

Nesse sentido, apresentamos como problema de estudo o seguinte questionamento: mediante o erro do aluno, o que o professor deve fazer para contribuir na construção do conhecimento? Para responder a esta pergunta, traçamos como objeto principal: analisar através da avaliação da aprendizagem, como agir para auxiliar o educando a alcançar o aprendizado. E, como objetivos específicos: (I) analisar o erro como fonte de castigo. (II) conhecer de que modo os professores

utilizam o erro como fonte de aprendizagem. (III) discorrer a respeito das consequências desencadeadas ao aluno, de uma avaliação baseada no exame.

A metodologia da pesquisa caracterizou-se por um estudo bibliográfico, objetivando abordar o “erro” e seu impacto na instituição intitulada de escola. A partir de um levantamento teórico, utilizando recortes das ideias apuradas de Esteban (2001), Freire (1985), Hoffmann (2014), Luckesi (1999), entre outros. Discutindo os conceitos e abordagens dos teóricos desveladas no corpus da pesquisa.

Diante dos estudos com base nos autores acima, podemos tirar algumas conclusões. Podemos perceber no mundo da fama, por exemplo, onde muitas pessoas que se tornam famosas devido suas expressões artísticas, observamos que toda essa luxúria tem um preço alto, e torna-se o indivíduo proibido de errar. O erro é uma questão que traz à tona princípios que precisam ser considerados, assim também, como na vida profissional, onde um simples erro, pode desencadear fatores que propiciarão transtornos a uma pessoa, seja no lado profissional, como também afetivo e emocional.

Paulo Freire e Antônio Fagundes (1985) propõem que o professor passe a considerar o erro como uma forma de saber provisório, um saber que o aluno traz para uma situação formal de ensino e que deve ser observado e discutido para que haja reconstrução desse saber. O professor deve levar o estudante a compreender que o erro faz parte do processo de aprendizagem, não é algo a ser evitado, mas sim valorizado pois é através do conhecimento do que se faz de errado que se descobrem os processos que levam ao acerto.

Quando falamos sobre o erro que as crianças comentem na escola, podemos dizer que o mesmo é motivo de desânimo, a criança quando erra no âmbito escolar e não tem o auxílio necessário do professor, fica desmotivada. Dessa maneira, devemos compreender que o processo educacional é global, o que permite uma visão associativa de uma criança: emocional, afetivo, cognitivo e espiritual.

A partir desse princípio, acredita-se que o “erro” ao ser considerado como fonte de aprendizagem, viabilizará um caminho de descobertas e desafios que estimulará no educando o prazer do saber e do fazer. Levando em conta que muitos educadores não aproveitam o erro do educando para dar chance a novas práticas educativas, novas didáticas que promoveriam uma aprendizagem significativa, chegamos a refletir

sobre até onde o erro de uma criança pode ser aproveitado na construção de sua aprendizagem.

Partindo desse pensamento, Luckesi (1999): mostra como o castigo predomina no currículo oculto da escola, de forma implícita, mas igualmente perverso, apesar dos mecanismos de proteção contra a violência, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, apontando caminhos pra a sua superação.

Para Luckesi (1999, p.48), o erro é referenciado por um determinado padrão, o que é considerado correto, ou seja, a partir de um parâmetro estabelecido como “certo”, portanto o que foge à regra colocada é entendido como erro. De acordo com o autor, “a visão culposa do erro na prática escolar”, tem conduzido ao uso do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tomando a avaliação como suporte de decisão”. No passado, esses castigos, permitidos pela família e pela sociedade eram muito mais visíveis.

O clima de culpa, castigo e medo, que tem sido um dos elementos da configuração da prática docente, é um dos fatores que impedem a escola e a sala de aula de serem um ambiente de alegria, satisfação e vida feliz. Assim, as crianças e os jovens rapidamente se enfastiam de tudo o que lá acontece e, mais que isso, temem o que acontece no âmbito da sala de aula.(LUCKESI,1999)

Hoje os castigos referente ao erro mudaram, mas sua manifestação acontece através de outras formas, incluindo: repressão, ansiedade, medo e tensão provocadas pelo educador; reter o educando em sala de aula durante o recreio; suspender o lanche; realizar mais tarefas que as de costume; ameaçar de castigos; ridicularizar no coletivo; ameaçar de reprovação; fazer teste “relâmpago”, uma série de situações que surgem por causa do erro do educando, ignorando o fato de que o ser humano tem uma capacidade muito grande de se adequar às situações vividas. Quando estas se caracterizam pelo prazer, a busca de crescimento torna-se maior. Porém, quando existem frustrações, os alunos se retraem.

Para Luckesi (1999) o erro pode passar de castigo para virtude na trajetória de aprendizagem do indivíduo, na medida em que o erro manifesto se constitui em um novo ponto de partida, considerando um padrão estabelecido que orienta esta direção, e então duas perguntas são fundamentais: como é este erro? De onde provém?

O educador deve esquecer a ideia de que seu único papel é o de corrigir, e é de extrema importância que tenha cautela ao avaliar o erro do aluno, para de fato

servir de instrumento norteador de aprendizagem qualitativa. O erro é inevitável, o importante é saber lidar com o mesmo. Quando se ignora o erro, o professor reprime as futuras aprendizagens significativas do educando.

Considera-se que ao avaliar o erro do educando, lhe serão propiciadas oportunidades de avanço, ao contrário de ignorá-lo, que simplesmente deixará a aluno fadado a cometê-los. Entre corrigir o erro e ensinar a pensar sobre ele, existe muita diferença. Enquanto corrigir resulta apenas em correção sem reflexão. Ensinar a pensar é desenvolver a consciência crítica, o que conseqüentemente promoverá momento de aprendizagem.

Partindo para outro mas não tão diferente pensamento teórico, Esteban (1992) acredita que o erro oferece novas informações e formula novas perguntas sobre dinâmica aprendizagem/desenvolvimento, individual e coletiva. O erro, muitas vezes mais do que o acerto, revela o que a criança “sabe”, colocando este saber numa perspectiva processual, indicando também aquilo que ela “ainda não sabe”, portanto o que pode “vir a saber”.

Neste sentido, passa a ser um estímulo, um desafio ao processo ensino/aprendizagem, um estímulo para quem aprende e estímulo para quem ensina. O erro desvela a complexidade do processo de conhecimento, tecido simultaneamente pelo passado, pelo presente e pelo devir, ou seja diante do erro escolar, o educador pode adotar a punição, a complacência ou construir a possibilidade de aprender. Esteban (2001, p.16) faz também, a seguinte reflexão:

O aluno deve seguir uma lógica única, de um só saber, reconhecendo um conjunto de conhecimentos como único e legítimo. Neste sentido têm-se por ‘verdade’ o que a escola ensina como sendo o ‘certo’.

Divergir deste contexto é considerar “errado” o conjunto de pensamentos ou ações do aluno. O erro, na visão da criança, faz parte de um processo, é possível e necessário; ao passo que, numa visão tradicional, do ponto de vista do adulto, o erro é o contrário do acerto (aquilo que é considerado bom e verdadeiro). Como a criança não tem consciência do próprio erro, é função do educador provocar a tomada de consciência.

Em um mundo cada dia mais dinâmico, repensar conceitos é inevitável e imprescindível assim como é preciso que questionamentos, divergências e

dissonâncias surjam e venham ao encontro das escolhas do dia-a-dia. O “erro” deve ser considerado como uma forma construtiva do saber, como uma fonte de crescimento, e não como uma ferramenta de exclusão. Cabe a escola, ao professor, como meios diretos da formação de identidades críticas e não conformidades, dar o passo maior em busca de uma educação que valorize as vivências de cada um e que tenha por objetivo primeiro a conscientização do ser humano, enquanto ser social, da importância que cada um tem na formação de uma sociedade mais justa, menos excludente e mais interessada no ser, não no fazer.

No entanto, para que possamos analisar a relação do fracasso escolar, podemos ponderar: como a escola tem vivido com as questões das aprendizagens e do desenvolvimento dos alunos? A resposta está vinculada a análise de que, do ponto de vista da instituição escolar, a aprendizagem acontece sem que haja uma real preocupação com o domínio do conteúdo pelo aluno. Sendo assim, a escola precisa dar oportunidade para que o aluno desenvolva sua autonomia e mais, a escola não pode acreditar que cumpre sua missão apenas transmitindo conhecimentos para o aluno memorizar. O ensino assim realizado, foge da sua realidade de vida. O aluno deve ser desafiado, deve ser estimulado a levantar ideias e hipóteses sobre aquilo que pretendemos que ele aprenda. O professor, por sua vez, deve procurar conhecer seus próprios limites e tentar superá-los. A escola deve oportunizar trocas de experiências e de conhecimentos entre os alunos de diferentes turmas de forma a integralizar a aprendizagem e democratizar o ensino.

Na prática escolar em geral, o erro por muitos tem sido como prova do fracasso ou incapacidade do aluno. No entanto, é importante que o professor esteja preparado para trabalhar a partir desses erros, usá-lo como ponto de partida para a aprendizagem, entendê-lo para depois combatê-lo. O erro precisa ser considerado como fonte de aprendizagem, pois só assim viabilizará um caminho de descobertas e desafios que estimulará no aluno o prazer do saber.

Todo erro é um reflexo do pensamento da criança, a tarefa do professor não é a de corrigir a resposta, mas de descobrir como foi que a criança chegou no erro. Desse modo, a atitude do educador diante do erro deve ser, sempre que possível, a de transformá-lo em situação de aprendizagem. Enfim, o erro faz parte do processo da aprendizagem. Ninguém aprende sem errar. Como foi visto, é por meio do erro do

seu aluno que o professor vai identificar o que ele já sabe e o que pode vir a saber sobre o conteúdo em estudo e reconstruir o conhecimento a partir dele.

## REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que Sabe Quem Erra?** Reflexões Sobre Avaliação e Fracasso Escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, P., FAGUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à Universidade. 33. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22.ed. São Paulo: Cortez, 1999.